



FÓRUM
CRISTÃO DE
PROFISSIONAIS

O GRANDE **ABISMO**

e-book



Não acho que a igreja realmente aprove os meus negócios, a não ser como meios para alcançar outros fins. O que eu faço é considerado de valor cristão contanto que eu evangelize ou testemunhe no trabalho, tenha um bom rendimento e contribua generosamente para a minha igreja. Todos esses reconhecimentos são apenas exteriores. Nunca recebi um reconhecimento natural da igreja pelo que faço nos negócios como cristão.

[Empresário cristão anônimo]

A ORIGEM

Em 1998, fui convidado para fazer palestra em uma multinacional do ramo automobilístico. O grupo seria composto por 450 gestores de projetos que havia concluído um dos programas da *Amana-Key*. Minha tarefa era falar a respeito de *stress e espiritualidade* e me foram apresentadas duas condições: eu não poderia ser apresentado como pastor, nem poderia usar a Bíblia. Aceitei o desafio e desobedeci as regras.

Iniciei a palestra me apresentando como pastor e descrevi três situações nas quais eu estivera envolvido naquela semana: um homem que não conseguira doar sangue para o próprio pai porque sua pressão arterial estava tão elevada que o sangue espirrava quando a enfermeira inseria a agulha para a coleta; uma mulher que estava dividida entre o cuidado dos filhos e uma irrecusável proposta de emprego; um homem que acabara de perder o emprego e estava com medo de ficar fora do mercado de trabalho pois àquela época estava com mais de 55 anos de idade.

Enquanto eu narrava essas situações percebi algumas pessoas na platéia enxugando as lágrimas. Então eu lhes disse que estava acostumado a fazer palestras (na verdade, nos últimos 25 anos da minha vida eu faço pelo menos duas palestras dominicalmente – são chamadas sermões, para um auditório que atualmente

chega próximo de 2.000 pessoas). Naquele fim de tarde, no auditório da multinacional, eu disse: as pessoas que freqüentam os cultos dominicais da igreja onde sou pastor não vêm da *espiritofera*, elas são pessoas exatamente iguais a vocês, vivem os mesmos conflitos que vocês vivem e enfrentam os mesmos desafios que vocês. Algumas dessas pessoas que me ouvem aos domingos trabalham ao seu lado, podem ser seus chefes ou funcionários. O evento foi um surpreendente sucesso, e tive que voltar àquela empresa mais duas vezes para repetir a palestra.

Compartilhei a experiência daquela palestra com um grupo de amigos, mais precisamente um grupo de cinco homens com quem eu almoçava semanalmente. Eles me pediram para fazer a mesma palestra para eles. Respondi que somente faria a palestra se fosse em algum lugar neutro, não religioso, e que eles convidassem seus amigos de trabalho. Eles aceitaram a proposta, e então realizamos um evento num hotel 5 estrelas na região da Avenida Paulista, em São Paulo. Foi uma noite inesquecível. Não apenas pela experiência em si, mas também, e principalmente, porque abriu um novo horizonte de possibilidades e oportunidades.

Em 2002, nasceu a *Galilea*, a empresa que desenvolvi em sociedade com dois amigos cristãos, e que tinha como propósito levar o conceito de espiritualidade e

a vivência religiosa para o ambiente de trabalho e o mundo corporativo. Em 2005, ingressei no programa de mestrado em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, e minha dissertação teve como tema: *Espiritualidade no mundo corporativo - aproximações entre prática religiosa e vida profissional*.

A experiência que vivi entre os anos 2002 e 2007 foi determinante para o surgimento do *Fórum Cristão de Profissionais*. Depois de participar de um sem número de palestras em empresas, seminários para profissionais e eventos corporativos, milhares de páginas lidas a respeito do tema, muita e dolorosa reflexão, conversas sem conta e oração em busca de discernimento, conclui que deveria pendurar as chuteiras da curta carreira de “consultor de espiritualidade”. A decisão não foi sem sofrimento, mas as convicções que adquiri no caminho funcionaram como um leve travesseiro onde pude finalmente repousar minha consciência.

CONVICÇÕES

Quando iniciei a jornada, lá em 1998, acreditava ser possível espiritualizar o ambiente de trabalho e o mundo corporativo e cooperar na direção do que se convencionou chamar de mercado justo. Mas aos poucos fui me convencendo que o ambiente de trabalho, o mundo corporativo e o mercado são dimensões

infernais, incompatíveis com os valores das milenares tradições de espiritualidade, inclusive e principalmente a espiritualidade cristã.

Alguns recursos fizeram toda a diferença na maneira como passei a encarar a relação espiritualidade, trabalho, empresa e mercado. Eis alguns exemplos.

Os filmes *O senhor das armas* (2005), de Andrew Niccol, baseado em informações e fatos reais, como a de que os cinco membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU - EUA, Reino Unido, França, Rússia e China - são os maiores comerciantes de armas do mundo; *Jardineiro fiel* (2005), do brasileiro Fernando Meirelles, a respeito da conspiração internacional envolvendo governos e multinacionais do setor farmacêutico que realizavam, apesar de nefastos efeitos colaterais, testes de medicamentos numa comunidade africana; *Diamante de sangue* (2006), de Edward Zwick, que revela a cumplicidade dos grandes comerciantes de pedras preciosas com o caos e a guerra civil que dominou Serra Leoa, África, na década de 1990; e *Syriana* (2005), de Stephen Gaghan, que narra a disputa entre as grandes corporações dos EUA pelo direito de reconstruir as cidades destruídas pelas guerras do Golfo e do Iraque visando o controle dos lençóis de petróleo do Oriente Médio. Os filmes revelam a corrupção sistêmica que amarra os setores

público e privado à busca inescrupulosa de lucro e poder geopolítico acima de quaisquer interesses inclusive, e principalmente, o destino de milhares de seres humanos que vivem condenados à mais extrema e cruel pobreza e miserabilidade.

Os documentários *The corporation* (2005), de Mark Achbar, Jennifer Abbott e Joel Bakan, e mais recentemente, *Capitalismo: uma história de amor* (2009), de Michael Moore, que carrega nas cores das consequências do desrespeito da máxima bíblica “o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males”.

As obras dos teólogos e da teologia latinoamericana, como *Neoliberalismo: ideologia dominante na virada do século*, de José Comblin (Vozes); *Por um mundo diferente: alternativas para um mundo global*, de Jorge Pixley (Vozes); *Sacrifícios humanos e sociedade ocidental: Lúcifer e a Besta*, de Franz Hinkelammert (Paulus); *Deus numa economia sem coração* e *Cristianismo de libertação: espiritualidade e luta social*, de Jung Mo Sung (Paulus); *Competência e sensibilidade solidária*, de Jung Mo Sung e Hugo Assmann (Vozes). Além da re-leitura de René Padilla e seu imprescindível *Missão integral: ensaios sobre o Reino de Deus e a Igreja* (Descoberta), e toda a série Lausanne (ABU): *Viva a simplicidade*, *Tive fome*, e *Evangelização e Responsabilidade social*, e também o *Pacto de Lausanne comentado por John Stott*.

Todos esses *inputs*, ou insumos, geraram em mim a convicção de que espiritualizar as relações de trabalho, o mundo corporativo e o mercado, implicava uma luta quixotesca, fadada ao fracasso e à frustração.

Lembro a experiência que tive quando fui chamado para uma conversa com a diretora de recursos humanos de uma das grandes empresas de seguro saúde do Brasil. Abatida, aquela senhora me disse, *Pastor, eu trabalho no inferno, o senhor pode me ajudar?* Em seguida, me contou que, naquela mesma semana, sete dos dez diretores da empresa choraram enquanto conversavam com ela a respeito do dia-a-dia profissional. Minha resposta foi que se ela trabalhava no inferno, certamente havia um diabo mandando no pedaço. Ela confirmou: *Existe sim, pastor, é o presidente da empresa*. O que poderia ser uma experiência isolada, e provavelmente nesses termos exagerados de fato é, na verdade é o que ouço todos os dias - o desabafo de homens e mulheres de bem que dormem em conflito com suas consciências porque se sentem obrigados a transgredir para atender às imposições da gananciosa cultura de mercado.

Outra convicção que adquiri enquanto circulei pelos corredores das empresas e depois de ouvir muitos desabafos e confissões dos empresários, executivos e toda sorte de profissionais que buscam orientação

pastoral e espiritual se aconselhando comigo foi que as comunidades religiosas cristãs negligenciam a vocação e o potencial dos profissionais cristãos como fatores determinantes na construção de uma sociedade com mais intensas expressões de justiça e paz. Mais do que isso, observei que existe um abismo entre a prática religiosa e a vida profissional, e as comunidades religiosas não fazem a menor idéia de como orientar seus fiéis para que sejam não apenas mais realizados, como também, e principalmente, mais efetivos no exercício de sua influência cristã.

Um dos livros mais interessantes que li a respeito do distanciamento entre experiência religiosa e vida profissional foi *Igreja aos domingos, trabalho às segundas: o desafio da fusão dos valores cristãos com a vida dos negócios* (QualityMark, 2003). Laura Nash, da Harvard Business School, e Scotty McLennan, reitor para vida religiosa da Universidade de Stanford, realizaram um amplo trabalho de pesquisa e concluíram que a postura das pessoas a respeito da relação entre vida religiosa e vida de negócios vai da absoluta secularização - *minhas convicções religiosas são de foro íntimo e não têm nada a ver com minha vida nos negócios* - à absoluta sacralização - *Deus é o dono do meu negócio*. Entre os extremos, duas posturas predominam, o cinismo: *os valores religiosos são bonitos mas não funcionam no mun-*

do dos negócios; e a flexibilização: faço o possível para ser fiel aos meus valores religiosos, mas nem sempre é possível.

Provavelmente em razão da complexidade do tema, a maioria das comunidades religiosas evita se envolver na discussão e deixa seus profissionais entregues à própria sorte e ao arbítrio de suas consciências sofridas e confusas. Paul Stevens, em seu livro *Deus e o mundo dos negócios*, relata o seguinte testemunho de um profissional cristão: *Não acho que a igreja realmente aprove os meus negócios, a não ser como meios para alcançar outros fins. O que eu faço é considerado de valor cristão contanto que eu evangelize ou testemunhe no trabalho, tenha um bom rendimento e contribua generosamente para a minha igreja. Todos esses reconhecimentos são apenas exteriores. Nunca recebi um reconhecimento natural da igreja pelo que faço nos negócios como cristão.*

TRABALHO E MISSÃO

Por trás desse desabafo é possível perceber que compromisso religioso (vocação), e a vida de negócios e atividade profissional (trabalho) estão em mundos diferentes. Missão e trabalho se relacionam basicamente de quatro maneiras.

- Trabalho como adversário da missão: não são poucos os que pensam que o trabalho é um tropeço para seu compromisso cristão, seu enga-

jamento na missão cristã e sua vida de serviço a Deus. Perdi a conta de quantas vezes ouvi pessoas de minha igreja me dizerem - *Pastor, não vejo a hora de me aposentar para poder me dedicar a servir a Deus.*

- Trabalho para financiar a missão: há também aqueles que pensam que a única finalidade do trabalho é prover recursos financeiros para a missão. Existem aqueles que se dedicam a ganhar dinheiro e fazem grandes doações e investimentos na missão, como ofertas para igrejas, projetos sociais, e pastores e missionários. Isto é, uns ganham dinheiro e outros fazem a missão. E também aqueles que vêm na atividade profissional a fonte de recursos financeiros que lhes permite a dedicação à missão após o expediente. Esses são chamados de ministros de tempo parcial ou “fazedores de tendas”, numa alusão à experiência do apóstolo Paulo, registrada em Atos 18.1-5. Igualmente nesse caso, trabalho é uma coisa, missão é outra coisa.
- Trabalho como campo para a missão: muitos cristãos relacionam seu ambiente de trabalho como o campo missionário, isto é, acreditam que a maneira de servir a Deus é dar bom testemunho, o que significa basicamente uma vida

moralmente correta, e o evangelismo pessoal, isto é, ganhar almas para Cristo entre seus colegas de trabalho.

- Trabalho como disfarce para a missão: essa é a experiência dos missionários que atuam em países onde o Cristianismo é proibido e os cristãos são perseguidos por sua fé. Entram legalmente nos países como se fossem desenvolver uma atividade profissional, mas na verdade atuam como missionários, em atividades estritamente religiosas.

Nas quatro situações, trabalho e missão são compreendidos como experiências distintas, campos irreconciliáveis, que competem entre si e mutuamente se excluem. A consciência dessa realidade me desafiou como líder religioso a dar um passo na direção desse imenso contingente de pessoas que tem a carreira profissional como dimensão prioritária do que chamamos vocação.

VOCAÇÃO

Essa experiência foi determinante para que eu fizesse um caminho de reconciliação com minha própria vocação. Durante os anos em que me dediquei a atividades que chamei de consultoria para projetos de espiritualidade no mundo corporativo, embora tenha

aprendido muito e feito coisas que acredito terem resultado em benefícios legítimos para muitas pessoas, aos poucos fui me afastando da minha vocação pastoral. No início, dizia para mim mesmo que a possibilidade de falar sobre espiritualidade no mundo corporativo era irrecusável, além de ser uma extraordinária oportunidade de levar o Evangelho para pessoas que provavelmente não seriam alcançadas por igrejas. Mas havia conflitos de fundo. O primeiro era minha convicção de que o ambiente de trabalho e o mundo corporativo são necessariamente espaços laicos, isto é, não têm a ver com religião.

O segundo conflito era uma certa incoerência interna do meu discurso. Por um lado, eu dizia que todo trabalho é uma forma de cooperar com Deus para colocar ordem no caos, não importa se esse trabalho é construir uma ponte, fazer um parto ou lavar a louça do jantar. Mas no fundo eu acreditava que estava fazendo alguma coisa errada quando fazia uma palestra sobre *team-building*, *trabalho em equipe* e *liderança eficaz* para gerentes de lojas de departamentos. Embora considerasse que todo trabalho é trabalho para Deus, me sentia culpado sempre que fazia algo não muito relacionado com minha experiência religiosa.

Jamais duvidei que, de fato, todo trabalho é trabalho para Deus. Como disse Desmond Tutu - é através do

trabalho que servimos a Deus. Mas o que fui redescobrir aos poucos foi a minha vocação. Isto é, apesar de ser absolutamente necessário e legítimo que alguém desenvolva sua carreira profissional fazendo palestras sobre *team-building*, *trabalho em equipe* e *liderança eficaz* para gerentes de lojas de departamentos, não era isso o que deveria fazer na minha vida. Minha vocação era religiosa. Minha vocação implica abrir a Bíblia para discorrer a respeito do Evangelho de Jesus Cristo e, de todas as maneiras possíveis, ensinar pessoas a viver como Jesus Cristo nos mandou viver.

Essa consciência foi determinante para eu promover uma guinada radical na minha atuação de consultor de espiritualidade. Reduzi quase a zero minha atuação como palestrante no mundo corporativo e me dediquei a um projeto de desenvolvimento de profissionais interessados na integração entre sua experiência espiritual e prática religiosa com a carreira profissional.

Decidi mudar a estratégia e o foco. Assumi o compromisso de deflagrar a partir de minha comunidade religiosa, a Igreja Batista de Água Branca, um movimento de profissionais interessados em integrar sua experiência espiritual e sua vida profissional. O passo seguinte foi começar a desenvolver uma *pastoral profissional*.

PASTORAL PROFISSIONAL

O termo *pastoral* não é estranho ao mundo religioso, especialmente no catolicismo romano. Todos já ouvimos falar na Pastoral da Terra, Pastoral Carcerária, ou na Pastoral da Criança. O conceito de *pastoral*, nesse contexto, pode ser assim compreendido:

- Ação do povo de Deus na realidade cotidiana; inserção do povo de Deus no espaço público; ação intencional, sistemática e organizada coletivamente; esforço missionário da Igreja que busca mudanças vislumbrando novos tempos na perspectiva do reino messiânico. (Clóvis Pinto de Castro)
- Relacionado com “organizar internamente (*ad intra*) para atuar externamente (*ad extra*)”. (Clóvis Pinto de Castro)
- Práxis dos cristãos que incorporam em seu dever missionário uma participação efetiva na realidade social. (José Bittencourt Filho)

Uma *pastoral profissional*, portanto, indica e implica a maneira como a comunidade cristã se organiza e se mobiliza para atender às demandas do mundo do trabalho e das relações de mercado, visando à manifestação e aplicação dos valores cristãos na sociedade.

FÓRUM CRISTÃO DE PROFISSIONAIS [PROPÓSITOS]

O *Fórum Cristão de Profissionais* (FCP) é a resposta da Igreja Batista de Água Branca ao desafio de uma pastoral profissional. O FCP existe para cumprir pelo menos quatro propósitos:

- Levantar a bandeira “espiritualidade - trabalho - negócios - mundo corporativo” a partir da ótica cristã;
- Criar um ambiente de reflexão bíblica e teológica a respeito da presença e atuação dos profissionais (não apenas cristãos) e das empresas com orientação cristã no mercado;
- Buscar discernimento a respeito da relação entre carreira profissional e vocação espiritual, e suas implicações para o compromisso com a *Missio Dei*;
- Oferecer aos profissionais (não apenas cristãos) um ambiente para encorajamento, aconselhamento, e intercessão mútua a respeito das demandas para a harmonia entre as dimensões pessoal, profissional e espiritual da vida.

FÓRUM CRISTÃO DE PROFISSIONAIS [MISSÃO]

A missão do FCP é difundir um jeito cristão de ser profissional, ser empresa e fazer negócios. Essa declaração de missão deixa claro pelo menos três coisas:

1. Não estamos falando de religião

Há uma grande diferença entre religião e espiritualidade. A espiritualidade pode ser compreendida como tudo o que é relativo aos (1) atributos do espírito: razão, emoção, volição, consciência e autoconsciência não são potências do corpo ou do cérebro, mas daquilo que constitui o ser humano como ser espiritual; e também com (2) as virtudes do espírito: amor, compaixão, solidariedade, generosidade, perdão e justiça; e, finalmente, ao (3) mundo dos espíritos: deuses, anjos bons e maus, e em última instância, Deus.

A espiritualidade é, portanto, uma dimensão humana de caráter universal: todos os seres humanos são seres espirituais. As religiões são conjuntos de crenças, ritos e códigos morais a partir dos quais os seres humanos desenvolvem sua espiritualidade. A discussão religiosa promove o sectarismo e o conflito entre os homens e os povos. Mas os valores da espiritualidade promovem a unidade e a fraternidade entre todos.

O FCP é absolutamente identificado com a tradição de espiritualidade judaicocristã, mas sua proposta transcende a vivência religiosa. Isto é, o FCP não é apenas para profissionais cristãos. É um ambiente de orientação cristã, mas para todos os interessados nas questões da espiritualidade.

2. Não estamos falando de proselitismo, estamos falando de cooperação para expressões de justiça e paz no mundo

A afirmação de que o FCP transcende as fronteiras da experiência religiosa implica o fato de que ele não existe para promover a conversão das pessoas à fé cristã. Fazendo um paralelo simples, não pretendemos tirar as pessoas do mundo para levá-las para dentro da igreja. O que desejamos de fato é tirar as pessoas de dentro da igreja para levá-las para o mundo. Estamos interessados em cumprir em termos radicais a orientação de Jesus: vocês são sal da terra e luz do mundo (Mateus 5.13-16). O que desejamos é mobilizar toda a força desse grande contingente de homens e mulheres de boa vontade, para que assumam compromissos sérios e radicais com sua experiência espiritual e façam diferença em seus horizontes de influência, não para mudar o mundo, mas necessariamente para multiplicar no mundo sinais de justiça e paz.

3. Não estamos falando de teologia da prosperidade, estamos falando de valores e virtudes espirituais

A dimensão chamada espiritual, como já foi dito, é também relativa ao mundo dos deuses, dos anjos bons

e maus, e, em última instância, de Deus. Isso faz com que muitas pessoas pensem em acessar a dimensão espiritual em busca de um poder sobrenatural que possa favorecer sua vida particular e lhe conceder favores circunstanciais. Isso acontece desde sempre e não é diferente nos nossos dias.

O FCP não está alinhado com expressões do tipo “desde que entreguei meu negócio nas mãos de Deus não parei mais de prosperar”, ou “eu estava quebrado e falido, mas Deus restituiu o que o diabo roubou de mim”, e ainda “vamos pedir a Deus que abençoe as empresas e faça com que a riqueza dos ímpios venha para as nossas mãos”.

A Bíblia Sagrada ensina que Deus é dono de todo ouro e toda prata, e diz também que nas mãos de Deus está o engrandecer e a tudo dar força e vida, pois riquezas e glórias vêm de Deus que domina sobre tudo e todos. Mas a Bíblia ensina também que o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males, e que muitos, querendo ficar ricos, destruíram suas vidas e a de muitos outros. Jesus deixou claro que não podemos servir a dois senhores: ou servimos a Deus ou a Mamom, isto é, ao dinheiro que se tornou deus.

Isso explica porque o FCP não está ocupado com a prosperidade dos negócios e dos empreendedores comprometidos com a fé cristã. O FCP está ocupado

em difundir um jeito cristão de ser profissional, ser empresa e fazer negócios. A prosperidade não depende de um truque espiritual que os iniciados descobriram, como também não depende de uma relação de troca com Deus, do tipo: eu faço tudo certinho e o Senhor me faz prosperar.

A história está cheia de testemunhos de homens e mulheres que prosperaram no caminho da fidelidade a Deus. Mas também não são raros os exemplos dos que sofreram perdas significativas, até mesmo da própria vida, justamente porque foram fiéis a Deus.

O compromisso do FCP é com a justiça e a paz, para o maior número possível de pessoas. A prosperidade pessoal ou dos negócios é secundária. Vivemos em fidelidade a Deus e serviço ao próximo porque assim Jesus nos ensinou. Isso nos basta. A oportunidade de buscar a Deus e o Reino de Deus e a sua justiça em primeiro lugar já é um privilégio, e em si mesmo é a recompensa que sequer fazemos por merecer.

Em síntese, estamos falando de um jeito cristão de ser profissional, ser empresa e fazer negócios. Os resultados disso pertencem a Deus. E nosso desejo é que nossa atuação na sociedade resulte em riqueza coletiva, para que no mundo sejam multiplicados sinais de justiça e paz.

SAGRADO E PROFANO

Para compreendermos o abismo que mantêm em mundos separados a “igreja aos domingos” e o “trabalho às segundas” precisamos fazer uma incursão nos conceitos de sagrado/profano e religioso/secular.

Desde tempos imemoriais, a religião está associada ao sobrenatural. O teórico Émile Durkheim diz que o conceito mais antigo de religião diz respeito a “tudo o que escapa à ciência e, de maneira mais geral, ao pensamento claro”¹. Citando Spencer, diz que “as religiões concordam em reconhecer tacitamente que o mundo, com tudo o que o contém e tudo que o cerca, é um mistério que pede uma explicação”, o que faz com que elas, religiões, consistam na “crença na onipresença de alguma coisa que vai além da inteligência”.² Essa noção de sobrenaturalidade e essa crença numa onipresença onipotente que a tudo dá origem e sustenta gera o conceito de *sagrado*. Para compreender o que se entende por sagrado, podemos receber a ajuda de outro teórico, Mircea Eliade. Partindo da palavra grega *hierós* - santo - Eliade cria o termo *hierofania* para designar a manifestação do sagrado no mundo considerado natural.

É a irrupção do sagrado que torna o tempo e o espaço sagrados. O sagrado se manifesta, irrompe no mundo dos homens e, ao manifestar-se, estabelece a distinção

entre o espaço sagrado e o profano, o mundo sagrado e o profano, o tempo sagrado e o profano. Na ocorrência de uma *hierofania*, portanto, “encontramo-nos diante de um mesmo ato misterioso³: a manifestação de algo de ordem diferente – de uma realidade que não pertence ao nosso mundo – em objetos que fazem parte integrante do nosso mundo natural, profano”⁴. Uma árvore, uma nuvem, um pássaro, uma corrente de águas, uma pedra – são todos objetos do nosso mundo natural, e não o deixam de ser, mas ao mesmo tempo, quando portadores de uma manifestação do sagrado, ganham nova dimensão, novo *status*, a saber, o *status* de sagrado, não porque o sejam em si mesmos, mas pelo que neles se manifesta.

O “nosso mundo” é visto como profano, de uma ordem diferente do mundo sagrado. Isso significa que o profano não é necessariamente associado ao ruim, sujo, tenebroso ou diabólico, mas apenas à dimensão da realidade considerada natural sem qualquer manifestação do sagrado. Profana é a realidade em que vivemos, nós mesmos, nossos objetos, relações, lugares e mesmo o tempo no qual transcorre nossa existência. A *hierofania* é que eleva esse “mundo natural”, ou, na verdade, partes desse mundo natural, à categoria de sagrado. O sagrado, que está em outro lugar e outro tempo, manifesta-se nesse lugar e nesse tempo, e no

qual se estabelece a distinção dos mundos, a ruptura do tempo e do espaço e tudo quanto neles está contido.

Os conceitos de religião - enquanto crença numa dimensão sobrenatural que se manifesta no mundo natural - estão, portanto, absolutamente associados aos conceitos de sagrado e profano.

Quando a história chegou à chamada idade da razão, e a verdade passou a ser uma questão objetiva aferida pelo método científico, à medida que a ciência vai desvendando os mistérios do universo, a religião vai perdendo seu espaço. Na chamada modernidade a religião foi condenada como superstição. Ainda hoje perdura o equívoco de confundir ser religioso com ser ignorante.

Chegamos então a um tempo de secularização, isto é, de afastamento dos deuses e de Deus como necessários para explicar o universo e seus fenômenos, considerados todos naturais. O princípio cartesiano *penso, logo existo* afirma não apenas a autonomia, como também a centralidade do indivíduo pensante. O Iluminismo do século XVIII quer dizer *esclarecimento racional*, em oposição ao dogmatismo obscurantista das tradições religiosas que passam a ser consideradas superstição, sinônimo de ignorância e questão de *foro íntimo*. Secularização é isso: os deuses, Deus, a religião e os religiosos são colocados para fora do debate público e

considerados desnecessários ou até mesmo empecilhos para um mundo melhor. Observe o quadro.



Lembrando que a espiritualidade diz respeito aos atributos, virtudes do espírito humano, sendo de caráter universal, o conflito se estabelece nos campos do secular/religioso. O mundo secularizado desconhece o conceito de sagrado, que passa a ser domínio do mundo religioso. Levando isso ao extremo, exemplificamos dizendo que a segunda lei da termodinâmica é ciência, uma questão de razão; a existência de Deus é matéria religiosa, questão de fé.

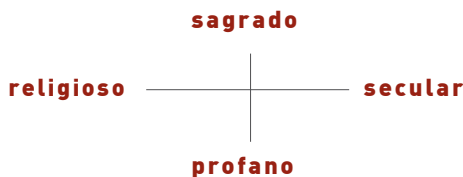
Não é difícil compreender porque na cabeça da maioria das pessoas a prática das orações é considerada na relação religioso/sagrado, enquanto uma aula de física aplicada na universidade é associada ao campo secular/profano.

Aí está a questão de fundo do abismo que mantém em mundos separados a “igreja aos domingos” e o “trabalho às segundas” é a conceituação a respeito dos campos religioso e secular em relação ao sagrado e profano.

A SUPERAÇÃO DO GRANDE ABISMO

Deixar os conceitos sagrado/profano restritos ao campo religioso faz sentido para as pessoas identificadas com a secularização, que abandonou a noção de sobrenatural e divino. Mas não faz sentido para aqueles que creêm no *Mysterium Tremendum*, na onipresença onipotente que se manifesta no mundo, ou o que chamamos Deus.

O Fórum Cristão de Profissionais tem outra forma de articular os conceitos religioso/secular e sagrado/profano. Observe o quadro.



O quadro demonstra que tanto o campo religioso quanto o secular convivem com as categorias sagrado e profano, considerando sagrado tudo aquilo que:

- porta uma manifestação de Deus;
- está relacionado a Deus;
- é passível de ser afetado, ou mesmo tenha sido afetado por Deus;
- é compatível com o caráter e os propósitos de Deus ⁵ - combina com Deus.

A partir dessa definição de sagrado, é fácil concluir que existem muitas atividades religiosas que não combinam com a identidade e o caráter de Deus. Da mesma maneira, há no campo secular inúmeras expressões e manifestações do caráter e dos propósitos de Deus. As pessoas que crêem em Deus não têm a menor dificuldade de associar a descoberta da penicilina com Deus. Quem ousaria dizer que foi o diabo, os anjos maus e os espíritos das trevas que inspiraram ou possibilitaram não apenas a existência como também a exata formulação da medicina da penicilina?

Rob Bell define Reino de Deus como *aquilo que é normal*. Quando você vê um homem cuidando de seu filhinho enquanto atravessam a rua, você está diante do normal, isto é, ali está manifesto o Reino de Deus, ali está presente o sagrado. Mas quando você vê um homem alcoolizado abusando violentamente de sua família e espalhando terror em sua própria casa, aquilo não é normal, e portanto, ali o Reino de Deus não está presente, e todos estão distantes do sagrado.

Transpondo isso e multiplicando os exemplos, podemos dizer que o sagrado constitui a manifestação do Reino de Deus no mundo sempre que um ser humano age de acordo com o caráter e os propósitos do Deus que o criou à sua imagem e semelhança. Evidentemente, não há necessidade de ser religioso

para agir segundo a vontade de Deus, assim como a ação praticada por um ser humano não precisa ser necessariamente relacionada a uma atividade religiosa para que seja uma expressão do Reino de Deus e uma manifestação do sagrado.

Em outras palavras, da mesma maneira que é possível distribuir esmolas aos pobres de maneira profana, é possível exercer o ofício da advocacia, da medicina, e fazer o trabalho de um torneiro mecânico de maneira sagrada. Isso por uma razão simples: o sagrado e o profano não dependem de *o que você faz*, mas de *como você faz*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Fórum Cristão de Profissionais existe para difundir um jeito cristão de ser profissional, ser empresa e fazer negócios. Isso significa que o FCP está comprometido a promover a consciência de que todas as atividades humanas podem ser sagradas, bem como mobilizar o maior número possível de pessoas e empresas para que atuem no mundo de acordo com o caráter e os propósitos de Deus.

NOTAS

1. Émile DURKHEIM, *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
2. *Ibid.*, p. 5.
3. Rudolf Otto, em sua esclarecedora obra *O sagrado*, diz que quando o sagrado se manifesta, o ser humano é invadido pelo *Mysterium Tremendum*, que o enche de terror e fascínio. Terror, porque é desconhecido e onipotente, fascínio, porque é maravilhoso e desejável.
4. ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
5. No contexto cristão, a natureza, a identidade e o caráter de Deus têm em Jesus de Nazaré, o Cristo, o critério último de revelação e referência: Há muito tempo Deus falou muitas vezes e de várias maneiras aos nossos antepassados por meio dos profetas, mas nestes últimos dias falou-nos por meio do Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas e por meio de quem fez o universo. O Filho é o esplendor da glória de Deus e a expressão exata do seu ser, sustentando todas as coisas por sua palavra poderosa. [Hebreus 1:1-3]; Ele é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação, pois nele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos ou soberanias, poderes ou autoridades; todas as coisas foram criadas por ele e para ele. Ele é antes de todas as coisas, e nele tudo subsiste.



Ele é a cabeça do corpo, que é a igreja; é o princípio e o primogênito dentre os mortos, para que em tudo tenha a supremacia. Pois foi do agrado de Deus que nele habitasse toda a plenitude, e por meio dele reconciliasse consigo todas as coisas, tanto as que estão na terra quanto as que estão no céu, estabelecendo a paz pelo seu sangue derramado na cruz. [Colossenses 1:15-20]



-  www.fcprofissionais.com.br
-  www.twitter.com/forumcristao
-  www.facebook.com/forumcristao
-  fcf@ibab.com.br